

Reseña

Linguagens visuais. Literatura. Artes. Cultura.
Heidrun Krieger Olinto, Karl Erik Schøllhammer,
Danusa Depes Portas, organizadores. Rio de Janeiro:
Ed. PUC-Rio, 2018, 400 pp.

O livro das imagens e uma imagem do livro

Marcello de Oliveira Pinto¹

É possível pensar que os Estudos Visuais, entendidos como um redimensionamento do significado da imagem na constelação do pensamento ocidental, sugerem várias questões e caminhos teóricos. Destas gostaria de destacar aqui duas que chamaram a minha atenção ao mergulhar na tarefa-prazer de construir a resenha do livro lançado pela editora da PUC-RJ.

A primeira é a tematização da imagem em teorias que desafiam, repensam, ou se divorciam da matriz explicativas linguística e semiótica. A segunda é a consequência desse movimento, que sugere uma rearticulação dos processos de recepção, interpretação e, no nosso caso mais especialmente, da crítica e da reflexão teórica sobre a literatura.

A leitura que faço dos 20 ensaios presentes no livro, fruto do XIV Seminário Internacional de Estudos de Literatura, em abril de 2017, promovido pelo grupo de pesquisa do CNPq Tendências Contemporâneas nos Estudos de Literatura, vinculado ao Programa de Pós-Graduação

¹ **Marcello de Oliveira Pinto** é Doutor em Teoria da Literatura pela PUC-Rio, onde também realizou estágio Pós-doutoral, é professor associado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e adjunto da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Seus interesses transitam pela análise dos fundamentos conceituais dos estudos literários e suas diversas configurações histórico-contextuais.

Literatura, Cultura e Contemporaneidade do Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, foi guiada por essas duas premissas, que são muito mais minhas do que necessariamente *leitmotiv* da obra. Construo aqui, portanto, uma breve divagação em forma de resenha que, embora refém do meu olhar míope e claudicante, deseja cumprir seu objetivo de apresentar uma imagem da obra aos seus futuros leitores.

E mesmo que falte aqui uma retórica mais charmosa para tal mister, *Linguagens visuais. Literatura. Artes. Cultura* dispensa tais artifícios de sedução, visto que nasce como leitura fundamental, especialmente por conta da tradução do texto clássico de W. J. T. Mitchell “What is an Image?” de 1986. Não é preciso comentar a sua relevância aqui, texto seminal para os estudos da imagem, mas é necessário apontar o desafio de sua tradução e a importância dela estar numa obra acessível a todos através da potencialidade e alcance da sua versão online disponível no site da sua editora.

Guiando-me pelas duas premissas acima, destaco uma questão que está presente no ensaio de Mitchell: a percepção de que há uma ligação profunda e complexa entre imagem e discurso, ligação esta que se estabelece no seio das práticas sociais e culturais e que revela alteridades e identidades. Compreender este processo é mergulhar numa investigação da historicidade dos mecanismos que orientam essa ligação.

Anders Michelsen desenvolve esta reflexão em seu ensaio “Transvisuality: on visual mattering” e apresenta, ao colocar em destaque os pressupostos que nortearam os últimos anos do debate sobre a imagem, a forma pela qual a visualidade torna-se elemento estruturante das sociedades tecnológicas do século XXI.

As duas propostas teóricas, separadas por décadas de reflexão, oferecem ao leitor as tensões fundamentais do que chamamos de Estudos Visuais, que não são uma corrente unificada de pensamento (para maiores detalhes ver o preâmbulo à tradução do texto de Mitchell escrito pela sua tradutora e também autora do ensaio “Imagens mi(g)rantes”, Danusa Depes Portas), mas que indicam, de formas distintas, que:

(...) todo ver é o resultado de uma construção cultural sobre o reconhecimento do caráter necessariamente condicionado, construído e híbrido – e, por isso, politicamente conotado – dos atos de ver: não só o mais ativo olhar e tomar conhecimento e aquisição cognitiva do visto, mas todo o amplo repertório de modos de fazer relacionados com o ver e o ser visto, o olhar e o ser olhado, o vigiar e o ser vigiado, o produzir as imagens e disseminá-las ou contemplá-las e percebê-las, e a articulação de relações de poder, dominação, privilégio, submetimento e controle que tudo isso implica (134).

Ao sugerir este questionamento, Danusa debate os deslocamentos que desafiam a crítica e a reflexão teórica sobre a arte, literatura inclusive, demandando articulações complexas e inovadoras para lidar com os seus objetos teóricos.

Vários dos artigos do livro buscam concretizar essas articulações como, por exemplo, a contribuição de Bruno Guimarães Martin com seu ensaio “Marmotas em vista (1849-1864)”, no qual analisa os periódicos Marmotas, ao descrever a constituição de uma comunidade literária e o contexto no qual ela se desenvolve. Em sua reflexão final, o autor coloca em questão a figura do observador e do pacto de leitura que se estabelece na relação entre imagens reflexos e figurações:

o leitor no gesto de observação. Se, por um lado, ao se dispor à ilusão, o leitor- espectador era capaz de experimentar novas perspectivas e incrementar a sua capacidade de percepção e imaginação, por outro, desenvolvia uma consciência reflexiva ao deparar com artifícios explícitos que repetiam ao iludido leitor que ele participava ativamente da ilusão produzida. Assim como notou Paula Brito, editor das Marmotas, além de atrair a atenção, se alguma luz era projetada por meio de vistas e imagens, tinha por efeito aproximar o leitor-espectador de sua própria realidade cotidiana e pragmática (114).

Este movimento de análise dos elementos que estabelecem um jogo de relações múltiplas no sistema literário reaparece na contribuição de Sílvia Dolinko “Gráfica expandida: Sobre algunas relaciones entre espacio público, imágenes y textos” que articulam texto e imagem em sua intervenção no espaço público. Ambos os textos sugerem ações no sistema literário que demandam:

(...) do receptor-espectador-leitor operações simultâneas complexas e uma participação ativa na construção do diálogo com textos e imagens. O apelo à imaginação e à sensibilidade (...) coloca, assim, em planos contíguos modos comunicativos distintos promovendo a emergência do dizer como evento do mostrar (202).

Heidrun Olinto em sua contribuição analisa experimentos criativos que ultrapassam as produções literárias tradicionais e coloca em debate o trinômio que dá título ao seu ensaio “Escrita-Imagem-Teoria. Encontros” e sugere ainda uma articulação dessa tríade através da sensibilidade criativa.

O espírito das potencialidades criativas, que acredito indicar a aproximação das duas premissas que destaquei acima num mesmo eixo acional, aparece também como tema - e como potência teórica - no texto de Frederico Coelho, “Waly Salomão: Entre o olho fóssil e o olho míssil”, ao destacar a experiência de criação de Salomão que espreme as fronteiras entre palavra, som, imagem e performance, sugerindo um desejo de desafiar a temporalidade da sua condição histórica. Destaca-se, aqui, a intensa presença do artista como articulador da obra como elemento de intervenção, fugindo de uma condição-museu, assim como sugere Karl Erik Schøllhammer em seu ensaio “Escrevendo realidade: estratégias de presença e inscrição na cultura brasileira e contemporânea”:

Os escritores e os artistas querem aparecer, intervir e mudar a realidade das coisas não apenas em efeito da precisão crítica de sua representação ou expressão estética. Querem que a própria criação literária ou artística aja de maneira diferencial e isso na medida em que a criação se torne o eixo real desta ambição. Nas artes contemporâneas, é, de certa maneira, mais visível, pois os artistas performam sua arte ou trazendo a política para dentro como tema e objeto ou se posicionando fora dos circuitos estritos dos museus e das galerias para se relacionar com comunidades, grupos, indivíduos e questões políticas (226).

Desta forma, as reflexões sobre a visualidade, que funciona como um gatilho para se repensar a ação estética através de pontos de partida distintos colocam em tensão as engrenagens que constituem o sistema literário e a história da arte. É exatamente assim que contribuições interdisciplinares dedicadas às linguagens visuais presentes no livro *Linguagens visuais. Literatura. Artes. Cultura* se apresentam, projeto esse que pode ser inserido

num amplo programa cultural que tem um impacto relevante nos estudos da literatura nas últimas décadas.

Como dito, por fim, a resenha aqui apresentada não dá conta de todos os ensaios da publicação. Contudo espero ter cumprido minha missão de apresentar -talvez não tão “efetivamente” como um *book trailer*, como sugere Vera Lúcia Follain de Figueiredo no ensaio “Práticas literárias e exercícios do ver: a revolução dos suportes” - alguns dos debates e eixos teóricos que compõem o livro e de convidar possíveis leitores ao mergulho nas diversas tendências de pensamento que circulam nessa área.